



UNIVERSIDADE VALE DO ACARAÚ - UVA
UNIVERSIDADE ABERTA VIDA - UNAVIDA

CURSO: PEDAGOGIA

PROFESSOR: TIBÉRIO MENDONÇA

DISCIPLINA:

**FUNDAMENTOS
SOCIOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO**

OS PROBLEMAS SOCIAIS URBANOS

OS PROBLEMAS SOCIAIS URBANOS

Considerando as mudanças desencadeadas da sociedade industrial e pós-industrial dos séculos XX e XXI, perceberemos que muitos novos temas têm surgido na área de investigação da Sociologia como: exclusão social, desagregação familiar, disseminação das drogas, violência urbana, globalização, etc.

A Sociologia busca, então, debruçar-se sobre os agentes de transformação social para melhor entender as diferentes organizações sociais, não apenas como forma de justificar os fatos e acontecimentos, mas também como meio para compreender o presente e projetar o futuro.

A Sociologia enquanto ciência nasceu no século XIX a partir do pensamento positivista de Augusto Comte, o qual, propondo uma analogia aos métodos empregados em outras ciências como a biologia, a física e a química, tentou construir uma ciência da sociedade. Segundo Comte, para além das leis físicas e biológicas haveria as leis sociais, que regeriam a vida social.

Mais tarde, Emile Durkheim se esforçaria em dar um caráter mais cientificista à Sociologia. Segundo Raymond Aron, a concepção de Sociologia de Durkheim se baseia em uma teoria do fato social, sendo seu objetivo demonstrar que poderia haver uma ciência sociológica que tinha como objeto de estudo os fatos sociais. Para Durkheim, seria preciso observá-los como “coisas”, de forma imparcial e distanciada, assim como quaisquer outros fatos ou fenômenos das demais ciências, aplicando-se para isso um método específico (método este desenvolvido em sua obra). Esse esforço para a institucionalização de uma ciência da vida social (das relações sociais e dos fenômenos que delas resultam) fazia muito sentido naquele contexto se levarmos em consideração os desdobramentos das principais transformações sociais, políticas e econômicas pelas quais passava a Europa.

Viver em sociedade requer ensinamentos, treinamentos, educação, socialização, o futuro de cada um depende da qualidade do conhecimento oferecido e absorvido pelo indivíduo. Quem de nós já ouviu ou leu a frase “caso seu círculo de amizade seja formado por pessoas mais espertas que você, mais ricas, mais saudáveis e mais bem sucedidas, há uma grande chance de você se tornar como eles. Por outro lado, caso seu círculo seja formado por pessoas negativas, fofoqueiras e preguiçosas, você terá grandes possibilidades de absorver tal comportamento”. Ou seja, o desenvolvimento pessoal depende de certos fatores e entre eles o ambiente e as pessoas com as quais você se relaciona que podem influenciar toda a sua vida, sendo assim, deve-se escolher melhor com quem passar mais tempo. Acredite, você tem o poder de controlar quem você se torna, inclusive profissionalmente.

Viver em sociedade é participar de sua dialética, todo ser humano tem a necessidade de se identificar com outras pessoas, outros grupos, tribos urbanas. O conjunto de características do grupo em que estamos inseridos influencia na maneira em que nos comportamos em sociedade, para podermos fazer parte de um grupo

precisamos nos adaptarmos aos comportamentos exigidos pelo mesmo ou ficamos de fora.

O desenvolvimento de uma sociedade industrial, de caráter urbano, trazia à tona novos problemas sociais, os quais poderiam ser compreendidos por uma nova ciência. Contudo, embora a Sociologia tenha se pretendido como uma ferramenta de intervenção na sociedade em alguns momentos, ao longo de sua constituição enquanto área de conhecimento, vale ressaltar que ela não tem como maior objetivo solucionar os problemas que afetam a vida em sociedade, mas sim compreendê-los. Obviamente, enquanto ciência, ela pode colaborar na construção de vias alternativas para a resolução de problemas, mas daí a pensarmos nela como ferramenta para solução de tudo é no mínimo um erro. Compreender a lógica de funcionamento dos fenômenos não significa poder intervir necessariamente.

Partindo desse ponto, é importante sabermos que há uma diferença entre problemas sociais e problemas sociológicos. Em alguns livros de introdução à Sociologia, como no trabalho de Sebastião Vila Nova, define-se que um problema social tem origem em fatores sociais e tem consequências sociais. Embora a classificação de um problema social possa ser subjetiva (afinal de contas, o que é um problema para nossa cultura pode não ser em outra), dentre as suas características mais gerais podemos dizer que estão o sentimento de indignação e de ameaça à coletividade que podem ser gerados. A indignação estaria ligada ao sentimento de injustiça (do ponto de vista moral) despertado por esse problema social e, da mesma forma, a ideia de ameaça à coletividade estaria vinculada à desestabilização do que Durkheim chamava de solidariedade social, a qual seria responsável pelos laços sociais entre os indivíduos.

Para exemplificar a primeira característica (da indignação), podemos pensar no trabalho e na prostituição infantil, na fome no Nordeste brasileiro, na condição do trabalhador desempregado, na pobreza que afeta as regiões metropolitanas brasileiras, entre outros assuntos que certamente nos “incomodam” mesmo que não sejamos atingidos diretamente. Já com relação à noção de ameaça à coletividade, podemos pensar na violência urbana, nas crises econômicas que levam ao desemprego, nas guerras entre os países e etnias, nas ações preconceituosas das mais diversas naturezas, enfim, numa série de fatores que afetam a ordem social como um todo.

Já os problemas sociológicos são os objetos de estudo da Sociologia enquanto ciência, a qual se debruça sobre esses para compreender suas características gerais. Como afirmado anteriormente, a Sociologia estuda os fenômenos sociais, sendo eles percebidos como problemas sociais ou não, lançando mão de uma observação sistemática e pormenorizada das organizações e relações sociais. Problemas sociológicos, nas palavras de Sebastião Vila Nova, são questões ou problemas de explicação teórica do que acontece na vida social, isto é, na sociedade, como por exemplo: o casamento, a família, a moda, as festas como o carnaval, o gosto pelo futebol, a religião, as relações de trabalho, a produção cultural, a violência urbana, as questões de gênero, desigualdade social, etc.

O mundo está passando por um intenso processo de urbanização. Esse processo teve destaque primeiramente durante o século XVIII, nos países envolvidos na Revolução Industrial. Já nos países em desenvolvimento, a urbanização ocorreu de forma expressiva a partir da década de 1950, impulsionada pelo desenvolvimento industrial, pois as atividades industriais se expandiram por vários países, atraindo cada vez mais pessoas para as cidades.

No entanto, a urbanização acelerada sem planejamento tem como consequência problemas de ordem ambiental e social. O inchaço das cidades, provocado pelo acúmulo de pessoas e a falta de uma infraestrutura adequada, gera transtornos para a população urbana.

Uma das principais características da urbanização sem o devido planejamento é o inchaço das cidades, desencadeando graves consequências econômicas e sociais, esse fenômeno ocorre principalmente nos países em desenvolvimento, em razão da rapidez do processo de urbanização e da falta de infraestrutura.

O crescimento desordenado das cidades gera a ocupação de locais inadequados para moradia, como áreas de elevada declividade, fundos de vale, praças, viadutos, entre outras.

Conforme a Organização das Nações Unidas (ONU), atualmente cerca de 25% da população mundial que mora em cidades vivem na absoluta pobreza.

Os problemas urbanos são vários e bem diversificados, as grandes cidades sofrem principalmente com as poluições, engarrafamentos, violência, desemprego, desigualdade social, locais inadequados para moradia, saúde, educação, infraestrutura, etc.

Os diversos tipos de poluição (hídrica, visual, do solo, sonora, atmosférica) são causados principalmente pelo modo de produção e consumo estabelecidos pelo capitalismo. A poluição atmosférica é um grande problema detectado nas cidades, o intenso fluxo de automóveis e as indústrias são os principais responsáveis pelo lançamento de gases tóxicos na atmosfera. Outros problemas ambientais decorrentes da urbanização são: impermeabilização do solo, alterações climáticas, efeito de estufa, chuva ácida, ausência de saneamento ambiental, destinação e tratamento dos resíduos sólidos, entre outros.

A falta de segurança tem sido um dos principais motivos que preocupam a população urbana. Diariamente são divulgadas notícias de violência nas cidades, esse processo está diretamente associado a outros problemas sociais como o desemprego, a educação de baixa qualidade e a desigualdade social.

Portanto, os distintos problemas sociais urbanos formam uma teia, onde um está diretamente ligado ao outro, havendo a necessidade da realização de políticas para solucionar todos esses problemas, proporcionando uma melhor qualidade de vida para a população urbana.

A violência urbana, por exemplo, pode ser um problema sociológico, uma vez que pode despertar o interesse dos sociólogos para desvendar os motivos de tal fenômeno social, mas ao mesmo tempo trata-se de um problema social, haja vista afetar toda a coletividade. No entanto, caberia à Sociologia apenas explicá-la, e não necessariamente

resolvê-la. Dessa forma, podemos dizer que todo problema social pode ser um problema sociológico, mas nem todo problema sociológico é um problema social.

A Violência

À primeira vista, a violência parece um conceito fácil de ser definido e claro, porém, vamos ver que não é tão simples assim. Primeiro, começamos com a definição geral. A violência se define como uma ação que gera, de maneira intencional, dano, ou intimidação moral, a outro indivíduo ou ser vivo. A violência pode implicar em um trauma, dano psicológico, ou também em uma morte. Então, ela tem consequências relativamente diversas, mas todas incidem em traumas. Existem diferentes tipos: a violência entre pessoas, a violência de Estado, a violência criminal, a política, a econômica, a natural ou também a simbólica.

Violência simbólica? É um conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu, que corresponde ao poder de impor um processo de submissão pelo qual os dominados percebem a hierarquia social como legítima e natural. Por exemplo, as mulheres pertencem ao espaço privado (a casa), e os homens, ao espaço público (o trabalho). Isso é um tipo de violência simbólica.

Esta característica de violência é visível também nas mídias e, mais precisamente, nas mensagens publicitárias. Estas mensagens revelam algumas imagens legítimas. Por exemplo? As mulheres são subrepresentadas nas publicidades de produtos para lavar. As posições de subordinação são distinguidas como normais, mas são, cada vez mais, controversas. Estas publicidades espalham mensagens referentes às desigualdades e relações de força.

Também, nos livros da escola, por exemplo, muitas vezes você pode encontrar histórias começando com “Ângela esta cozinhando um bolo e Guilherme irá se deliciar...” Os meninos vão integrar o fato de que a menina está cozinhando, fazendo uma coisa de “menina”, e não ao contrário. Certamente, isto contribui para que seja estabelecida uma relação de submissão com o sexo feminino.

O tema em reflexão *violência e sociedade* tem sido objeto de estudos de diversas ciências, as quais cada uma a seu modo, tentam apresentar argumentos convincentes que justifiquem suas origens, causas das problemáticas diversas apresentadas e respostas às indagações surgidas no cotidiano. Por que a sociedade está cada dia mais violenta? Por que e como a violência está destruindo a sociedade? Quem produz a violência? O que de fato é violência? Ou ainda, o que é uma sociedade do ponto de vista daquilo que aprendemos que era ou que deveria vir a ser?

Por mais que a vida em sociedade seja gerida pelo estabelecimento de regras jurídicas, valores morais, limitação da vontade pessoal em detrimento da convivência harmônica coletiva e ainda pela égide da ordem social para alcançar-se o progresso, o ser humano, sempre e através de suas ações eventuais ou reiteradas, irá produzir atos que possam ser tipificados como *violência*. Tanto o estudo da origem da formação das sociedades, quanto a natureza dos processos de violências nelas existentes, ambos

possuem relação direta com a forma como o ser humano exerce, desempenha e age, ações estas que trazem reflexos diretos na vida e na forma da coletividade.

A primeira reflexão a ser exercida é como o ser humano se encontra em relação ao seu papel na criação e manutenção da vida em sociedade. Considerando de forma bem simplista, de que a sociedade é basicamente o ajuntamento de pessoas cujos objetivos em tese são os mesmos: *sobreviver* e *prosperar* (no sentido de viver bem e em paz), ela parte então do sentido primário e minúsculo de *comunidade*, onde há (ou devia haver minimamente) um entendimento compartilhado ao qual o homem adere tacitamente, como bem leciona.

Sendo então, que o ser humano, nasce, cresce e se reproduz na sociedade e nela deve buscar seu progresso como pessoa humana e produzir durante toda a sua vida de forma incessante ações positivas para que a mesma se mantenha e evolua; por que então a prática dos atos de violência? Como pode alguém se revestir e operar um papel de *destruidor* do habitat e da comunidade da qual ele mesmo faz parte? Há um papel primordial que está deixando de ser representado (exercício da razão), e estes atores (omissos ou ameaçadores da ordem) estão abalando os alicerces da vida coletiva, comprometendo as perspectivas de melhoria e fomentando a cultura da vida individual como a mais ideal e segura (pois conviver em coletividade já não é mais seguro e atrativo), um verdadeiro retrocesso que poderíamos popularmente definir como o retorno às cavernas.

Analisar os processos de violência na sociedade passa por um olhar multidisciplinar sobre o que está acontecendo como o ser humano (principalmente as crianças e adolescentes) onde os conceitos de regras, valores, ordem, progresso, segurança e paz social não possuem mais tanta necessidade de existirem.

A segunda reflexão, consequência da primeira, nos conduz aos atos e fatos que estão desintegrando a vida em coletividade, onde a insegurança social é uma delas. Ações simples como estacionar o carro e namorar (mesmo em frente de casa), andar de bicicleta, usar um tênis ou relógio de marca, esperar um ônibus no ponto à noite, andar pelas ruas, deixar as portas e janelas abertas para se refrescar a casa em dia de calor, utilizar um caixa eletrônico, atender ao celular na via pública, realizar uma compra pela internet com cartão de crédito ou outras, passam a ser revestidas de metodologias e truques especialmente desenvolvidos para que a pessoa não seja roubada, furtada, sequestrada ou até morta. E falando em morte, a vida tornou-se tão banal que para tirá-la, o agressor além de subtrair bens pessoais, vale-se de requintes de crueldades indescritíveis antes de matar. O homem tornou-se fera, lobo de seu semelhante, como bem afirmava Hobbes (*homo homini lúpus*).

Novamente vemos o homem afastando-se de seu papel de construtor coletivo e portador do ato racional, agindo exclusivamente no interesse próprio e ameaçando a vida e o patrimônio de seu semelhante, alimentando a desintegração do modelo consagrado de sociedade e fortalecendo posturas pautadas no enclausuramento (grades, alarmes, blindados, armas, câmeras e controles diversos). A sociedade passa a ser ameaçada em sua única forma de existir: o ajuntamento coletivo, o formato plural, o relacionamento

humano, o respeito entre os seres, o edificar para o bem comum ou ainda, o espaço seguro para todos.

Finalmente, a terceira reflexão nos posta diante do quadro inegável, de que a cada dia a sociedade se desintegra, pois as suas moléculas, as quais devidamente fundidas (homem + homem + regras respeitadas por todos), as quais poderiam construir o elemento chave (vida em coletividade) estão se modificando. A triste constatação é que não há outra forma ou elementos que possam ser substituídos, para que a fórmula final (a sociedade) se complete e passe a existir. Assim como não se faz uma molécula de água sem a junção do hidrogênio com o oxigênio, não se constrói sociedade alguma sem que haja um comportamento humano pautado na tolerância, compreensão, mediação de conflitos e pacificação. Não haverá sociedade sem regras as quais sejam respeitadas, cumpridas e zeladas por todos.

Não deixará de existir a violência (em qualquer uma de suas múltiplas formas) se a pessoa humana não for suficientemente tolerante, compreensiva, seguidora de valores e princípios construídos para o bem comum. A violência na sociedade, podemos divagar, possui seu DNA na degradação moral do ser humano, na perda da racionalidade, no desprezar do valor personalíssimo do semelhante e principalmente no se apropriar da errada visão de que o outro, sua cultura, valores, patrimônio e até a sua vida podem ser destruídos ou arrebatados mesmo que isso importe na quebra da sobrevivência harmônica coletiva.

É certo que não há sociedade sem violência, seria uma utopia. O desenvolvimento e o progresso geram sim desigualdades, exclusões, fome, miséria e degradação de partes do coletivo social. O equilíbrio ou o desequilíbrio, não importa qual, não podem permitir que fatores transversais (e a violência é um deles) intranquilizem e ponham fim à fórmula da sociedade (homem + homem = vida coletiva, diferenças, respeito, harmonia e evolução).

A violência no Brasil

Na América latina, os países que têm o maior problema da violência são Honduras, Venezuela, Guatemala, El Salvador, México e também o Brasil. Na verdade, a violência no Brasil é um termo eloquente, originado principalmente dos tráficos de drogas, da corrupção, etc. Esta alta no índice de violência pode ser explicada com a crise econômica, mas não somente isso. O Brasil é um país muito desigual socialmente. Estas desigualdades determinam o mundo social brasileiro com os “insiders” e os “outsiders” (H. S. Becker).

Por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro, você pode ver estas desigualdades com os prédios super sofisticados e, ao lado, as favelas. A violência pode ser o resultado da confrontação destas desigualdades. Então, a violência seria uma correlação entre as duas esferas da sociedade: os “insiders” e os “outsiders”. Os indivíduos mais atingido, em média, pela criminalidade e violência, são os homens jovens e pobres. Isso é uma média, a vida social não é tão simplória.

É importante para um sociólogo ter cuidado com as estereotipações e preconceitos. Esta violência gera na sociedade brasileira uma cultura de medo. Os indivíduos integram, desde a socialização primária, numerosas normas sociais relativas as violências. Por exemplo, uma menina sabe que pode ser perigoso sair sozinha à noite.

A violência existe tanto nos espaços privados, como nos públicos, tal como nos transportes. Esta violência é, sobretudo, contra as mulheres, cometida pelos homens. No Brasil, no México, no Japão e em outros países, existem transportes públicos reservados apenas para as mulheres. Na França, por exemplo, isso não existe.

De um lado, esta medida vai contra as igualdades dos sexos, mas de outro, isso permite às mulheres ficarem mais tranquilas ao utilizarem os meios de transportes. Para diminuir as violências no transporte urbano, é fato que esta medida auxilia. Porém, na verdade, para deixar estas violências como inaceitáveis, desde a socialização primária, as instâncias de socialização tiveram que mudar as consciências, fazendo integrar estas violências como normas e valores não aceitáveis. Porém, é importante que, ao se perguntar se é uma boa medida, ou não, isto permite se colocar em pauta este problema na sociedade. A redução da violência nos transportes pode começar com um debate através destas perguntas.

E você, é a favor ou contra às pessoas de sexos diferentes dividirem os mesmos espaços nos transportes urbanos?

As desigualdades sociais

A Desigualdade social é o fenômeno em que ocorre a diferenciação entre pessoas no contexto de uma mesma sociedade, colocando alguns indivíduos em condições estruturalmente mais vantajosas do que outros. Ela manifesta-se em todos os aspectos: cultura, cotidiano, política, espaço geográfico e muitos outros, mas é no plano econômico a sua face mais conhecida, em que boa parte da população não dispõe de renda suficiente para gozar de mínimas condições de vida.

Inúmeros dados e estudos apontam que a desigualdade social e econômica cresce em todo o mundo. Dados do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) revelam que 1% dos mais ricos detêm 40% dos bens globais. Um relatório da ONG Oxfam demonstra também que as 85 pessoas mais ricas do mundo possuem uma renda equivalente às 3,5 bilhões de pessoas mais pobres.

Diante desse panorama, que gera inúmeros excluídos e miseráveis em todo o mundo, surge a questão: o que causa a desigualdade social?

A grande questão é que, desde as construções das civilizações durante o período neolítico, quando as sociedades passaram a viver dos excedentes que produziam, as diferenças sociais começaram a surgir. O problema, nesse caso, é a intensificação da pobreza e da falta de equidade nas condições oferecidas para que os diferentes indivíduos possam produzir suas próprias condições de sobrevivência.

O teórico Jean-Jacques Rousseau afirmava que a desigualdade é um fenômeno que tende a sempre se intensificar no contexto social. As famílias mais pobres possuem um

menor acesso à instrução e às informações necessárias para alavancar um desenvolvimento próprio, enquanto os grupos mais ricos possuem um maior nível estrutural para investirem e multiplicarem sua renda e os largos benefícios advindos dela. Para Rosseau, o que causa a desigualdade é exatamente a divisão social do trabalho, com a criação da propriedade e dos bens particulares e não distribuíveis.

Outro pensador famoso por categorizar essa questão foi Karl Marx. Ele enxergava a sociedade a partir da luta de classes e via a desigualdade manifestada a partir dos desequilíbrios entre a burguesia e os trabalhadores, haja vista que a primeira era a detentora dos meios de produção, controlando e retendo a maior parte dos lucros sobre os bens produzidos a partir do trabalho coletivo. Essa lógica, perpetuada pela mais-valia, concentrava a renda e marginalizava os cidadãos, além de criar o exército de reserva de desempregados, que garantia uma concorrência entre os próprios trabalhadores, privando-os de sua emancipação.

Max Weber, por sua vez, observou essa questão a partir das estratificações sociais. As três grandes estratificações ocorrem no campo da economia, do status e do poder, proporcionando uma diferenciação no acesso à renda, ao prestígio e ao controle social. Essa acontece por meio da diferenciação entre habilidades, qualificações e interesses.

A desigualdade social, seja ela intelectual, econômica ou sob qualquer outra forma, materializa-se no espaço social, ou seja, torna-se visível na composição estrutural das sociedades, sejam elas rurais ou urbanas. As cidades e os lugares expressam a diferenciação econômica entre as pessoas, que é resultante, muitas vezes, de questões históricas que submetem cidadãos e até grupos étnicos a contextos de subalternidade. Um exemplo foi o processo de escravidão que até hoje deixa suas marcas no sentido de manter a maior parte da população negra com baixos níveis de renda e educação.

As desigualdades sociais fazem parte do nosso cotidiano social. Podemos observá-las de várias maneiras, seja pela exclusão social, seja pela estratificação em função da cor da pele dos indivíduos, de sua situação econômica ou mesmo de sua posição política. Entretanto, uma das formas mais explícitas desse tipo de desigualdade é a que chamamos de estratificação urbana.

Uma forma simples de se entender o que é a estratificação social é enxergá-la como as desigualdades que atingem diferentes sujeitos e pelas quais eles são “separados”, isto é, um grupo de pessoas que pertence a uma camada mais pobre de uma sociedade, por exemplo, acaba não tendo acesso a certos tipos de serviços que uma pessoa de melhor condição econômica tem.

Enquanto algumas formas de exclusão social e de estratificação sejam, em determinados momentos, tão veladas e discretas, como é o caso de certas desigualdades motivadas pela cor da pele e que ainda são vistas como inexistentes, a estratificação urbana é uma das mais explícitas e visíveis formas de exclusão e afastamento social que podemos observar.

O processo de urbanização das cidades brasileiras desenvolveu-se em meio à desigualdade econômica. Isso conseqüentemente se refletiu na forma de organização dos grandes centros urbanos, ocorrência vista de forma clara na composição e na organização

da maior parte das grandes cidades. Os bairros que abrigam a maior parte da população mais pobre estão localizados, comumente, nas margens dos centros das cidades, isto é, na periferia dos centros urbanos.

Nessa perspectiva específica, referimo-nos às dificuldades em torno do acesso a serviços básicos que as pessoas que vivem em bairros periféricos enfrentam diariamente. O inchaço dos grandes centros urbanos veio acompanhado do constante afastamento das camadas mais pobres da população de áreas do centro. Nos bairros mais periféricos, o acesso a serviços básicos, como saneamento, educação, transporte público e saúde, normalmente são inexistentes ou muito precários.

O afastamento também é visto como forma de “higienização” do meio urbano para a camada mais rica da população. O surgimento de bairros nobres e condomínios fechados, geralmente também mais afastados dos centros urbanos, é um fenômeno recente e que ganha força. A diferença “entre os mundos”, no entanto, é gritante: o acesso a serviços básicos é sempre uma garantia para esses assentamentos mais afastados e povoados pela porção rica de nossas sociedades. No extremo oposto, temos as favelas, que sofrem com a ausência do Estado. Esgoto que corre a céu aberto e grandes quantidades de lixo que não são recolhidas pelos órgãos responsáveis são alguns dos exemplos de maior impacto sobre a vida daqueles que sofrem com a estratificação urbana.

Entre as dificuldades vividas pela população carente de nossa sociedade, como a fome e a dificuldade ligada ao acesso a direitos básicos, a exclusão social que acompanha esses graves problemas estruturais vitimiza em mais de uma maneira aqueles que se encontram em situação fragilizada. Visando à correção de problemas sociais como esses que as ações de justiça social são criadas.

Segregação Socioespacial

Toda cidade tem um espaço urbano fragmentado e com diferenciação em sua forma e função. Em muitas cidades, principalmente os grandes centros urbanos, existem diversos “centros” dentro de um mesmo espaço urbano: comerciais, industriais, de lazer, de moradia, etc. Dessa maneira, o espaço urbano vai se fragmentando cada vez mais.

Mas não só no aspecto econômico a cidade vai se fragmentando. No aspecto social também. Na verdade, o social e o econômico estarão sempre unidos. O poder público tem grande responsabilidade por essa fragmentação urbana. Em vez de buscar manter certa homogeneidade entre os espaços da cidade, ele faz o contrário.

Assim, determinados espaços da cidade possuem melhores condições de infraestrutura e outros não. Algumas partes da cidade recebem bom tratamento de esgoto, rede de água, iluminação pública e transporte coletivo de qualidade. Em outras partes, a população residente não tem asfalto, coleta de lixo, tratamento de esgoto, água encanada, etc.

Logicamente, os bairros e os lugares com melhores condições de infraestrutura serão mais valorizados economicamente e se localizarão próximos ao centro da cidade. A

população mais pobre não consegue residir nesses locais por não conseguir comprar ou mesmo alugar uma casa nesse bairro valorizado. Especialmente, os bairros menos valorizados estão localizados na periferia da cidade, lugares distantes do centro (onde se encontra a maior parte dos serviços e comércio).

Ocorre ainda outro processo complementar: além de ser obrigada a morar em lugares distantes, a população ainda sofre com a dificuldade de acesso a equipamentos públicos de lazer ou administrativos, tais como parques ou áreas verdes, hospitais, escolas, creches, praças, etc.

Esse conjunto de fatores é denominado segregação socioespacial. Ou seja, camadas de população são levadas a morar em lugares distantes, com dificuldades de deslocamento a lugares centrais, seja comércio ou local de trabalho, além de serem desprovidas de equipamentos públicos.

A segregação vai estar ligada, portanto, ao uso e ao preço do solo urbano, fazendo com que a população de camadas sociais mais baixas more em lugares longínquos do centro. Assim, existe a dificuldade de acesso aos bens e serviços do espaço urbano. Esse fenômeno é facilmente perceptível na paisagem urbana. Olhe para sua cidade e veja como está ocorrendo a segregação socioespacial.

Uma forma de combater essa segregação é a sociedade civil se organizar e reivindicar seus direitos, previstos na Constituição Federal. Do contrário, esse processo só tende a se agravar.

Problemas ambientais urbanos

Muitos dos problemas ambientais urbanos estão diretamente ligados aos problemas sociais. Por exemplo: o processo de favelização contribui para a agressão ao meio ambiente, visto que as ocupações irregulares geralmente ocorrem em zonas de preservação ou em locais próximos a rios e cursos d'água.

Ademais, sabe-se que os problemas ambientais, sejam eles urbanos ou não, são produtos da interferência do homem na natureza, transformando-a conforme seus interesses e explorando os seus recursos em busca de maximização dos lucros sem se preocupar com as consequências.

A urbanização se intensificou com a expansão das atividades industriais, fato que atraiu (e ainda atrai) milhões de pessoas para as cidades. Esse fenômeno provocou mudanças drásticas na natureza, desencadeando diversos problemas ambientais, como poluições, desmatamento, redução da biodiversidade, mudanças climáticas, produção de lixo e de esgoto, entre outros.

A expansão da rede urbana sem o devido planejamento ocasiona a ocupação de áreas inadequadas para a moradia. Encostas de morros, áreas de preservação permanente, planícies de inundação e áreas próximas a rios são loteadas e ocupadas. Os resultados são catastróficos, como o deslizamento de encostas, ocasionado a destruição de casas e um grande número de vítimas fatais.

As zonas segregadas, locais mais pobres da cidade, costumam ser palco das consequências da ação humana sobre o meio natural. Problemas como as enchentes são rotineiramente noticiados. E a culpa não é da chuva.

Em alguns casos, o processo de inundação de uma determinada região é natural, ou seja, aconteceria com ou sem a intervenção humana. O problema é que, muitas vezes, por falta de planejamento público, loteamentos e bairros são construídos em regiões que compõem áreas de risco. Em outras palavras, em tempos de seca, casas são construídas em locais que fazem parte dos leitos dos rios e, quando esses rios passam pelas cheias, acabam inundando essas casas.

Em outros casos, a formação de enchentes está ligada à poluição urbana ou às condições de infraestrutura, como a impermeabilização dos solos a partir da construção de ruas asfaltadas. A água, que normalmente infiltraria no solo, acaba não tendo para onde ir e deságua nos rios, que acumulam, transbordam e provocam enchentes.

Outro problema ambiental urbano bastante comum é o fenômeno das ilhas de calor, que ocorre nas regiões centrais das grandes cidades. Tal situação é consequência do processo de verticalização, ou seja, a formação de prédios que limitam a circulação do ar e, somada à retirada das árvores, contribui para a concentração do calor. É por isso que as regiões centrais ou muito urbanizadas estão sempre mais quentes que o restante da cidade.

Para somar às ilhas de calor, existe também a inversão térmica, um fenômeno climático que dificulta a dispersão dos poluentes emitidos pela ação humana. Em virtude disso, gases tóxicos pairam sobre a superfície das cidades, provocando doenças respiratórias e o aumento das temperaturas.

A falta de planejamento público e a ausência de uma maior consciência ambiental constituem os problemas ambientais urbanos, como a poluição das águas de rios, lagos e oceanos, o aumento das temperaturas, a ocorrência de chuvas ácidas (fruto da emissão de gases tóxicos na atmosfera), isso tudo somado às poluições visual e sonora.

Educação é solução para problemas sociais no Brasil

O cenário brasileiro em muitas áreas nos lembra um caos: presídios lotados, que mais se assemelham a escolas do crime organizado, bandidos brindando cenas de horror, polícia em greve, pessoas supostamente de bem saqueando lojas, pacientes morrendo em portas de hospitais públicos, líderes políticos e empresários indo para a cadeia. Enquanto isso, Executivo, Legislativo e Judiciário não se entendem.

Os grandes problemas sociais existentes são resultantes da negligência política adotada ao longo dos anos, com consequências nefastas para o desenvolvimento do País, o que faz com que se agravem os índices de desemprego, favelização, criminalidade, entre outros tantos.

Nunca foi tão atual o trecho da música de Cazuza, escrita há 27 anos que diz: "Não me convidaram, pra essa festa pobre, que os homens armaram pra me convencer, a pagar sem ver, toda essa droga, que já vem malhada antes de eu nascer..."

Assistimos pela TV e internet de toda "essa festa pobre" e vivenciamos um cenário que enoja e ainda pagamos pesados impostos. Nesse contexto desafiador, lanço uma bandeira com o lema "A educação salva". Talvez estivéssemos em uma "festa" diferente, se há 30 anos nossos líderes políticos tivessem feito a opção de investir na educação.

Em menos de 30 anos, a Coréia do Sul deixou o grupo dos países mais pobres do mundo para se tornar um dos mais avançados tecnologicamente. E qual foi o segredo do "milagre" sul-coreano? Priorizar a educação como política de Estado! Esse é apenas um dos muitos exemplos de que investir em professores, escolas e alunos pode salvar uma sociedade.

Educar tem que ser uma força tarefa, tem que fazer parte de nossa essência e ser prioridade em nossas vidas. Cultura do ódio não salva, guerra entre poderes não salva, ideologia, religião e nem credo salvam. Entretanto, investimentos reais e projetos sérios para a educação podem mudar em três décadas o tema da festa.

A falta de investimento na educação resulta na lotação e falta de condições nas instituições de ensino. Como consequência, a formação é, muitas vezes falha, ou o nível de aproveitamento é muito baixo.

Uma vez que a escola não esteja preparada para atender os alunos, deixa passar ao lado o acompanhamento às crianças que, em virtude do trabalho, ingressam tardiamente nos estabelecimentos de ensino. Esses alunos não conseguem ultrapassar o problema do atraso escolar, acabam abandonando o ensino e comprometem o seu ingresso no mercado de trabalho.

Todo poder emana do povo, esse é um princípio básico da democracia, mas um povo sem educação não tem conhecimento e discernimento suficiente para escolher seus líderes, e o resultado sempre será uma "festa pobre", em que todos, independentemente de suas ideologias políticas, pagarão na conta um preço é alto: nossa liberdade, nossa dignidade e nossa paz.

Talvez um dia a letra seja assim: me convidaram para uma festa próspera, pela qual tive o orgulho de pagar e viver em um estado justo e limpo, no qual quero ver nossos filhos nascerem e crescerem. A Educação liberta e o conhecimento salva.

É inegável o poder universal de transformação que a Educação de qualidade pode realizar, porém é fundamental que este tema saia do plano da retórica, circulando nos gabinetes de governo, invadindo as rodas de empresários e passe a integrar a agenda de todo cidadão.

A Educação é a saída para mudar esse cenário: hoje, sabe-se que o caminho não é crescer e investir em Educação, mas educar para crescer. Todos os países que passaram de subdesenvolvidos a desenvolvidos investiram muito em Educação, gerando a base para o progresso.

Sabe-se que na Finlândia, na Coreia do Sul e na Espanha a prioridade à Educação foi absoluta, e são bons exemplos de uma transformação radical no cenário econômico mundial ao longo das últimas décadas.

Realmente, a revolução provocada pela Educação foi bem direcionada. Estes países passaram a selecionar e capacitar com mais rigor os Professores, reformaram as

leis educacionais e ampliaram o tempo de permanência na sala de aula. Como fruto disso tudo, hoje colhem intenso desenvolvimento social.

A Educação pode fazer a grande diferença na transformação social, pois é uma dimensão muito importante da vida em sociedade e afeta todas as demais esferas, incidindo sobre a qualidade da representação política, a distribuição de renda, o desenvolvimento econômico e a justiça social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. Pg.17.

CARMO, Hermano. **Problemas Sociais Contemporâneos**. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1997.

Educação é solução para problemas sociais no Brasil. Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/noticias/dino/educacao-e-solucao-para-problemas-sociais-no-brasil,1d19f9758928f795b8d5fe2fc582a5deepdzbh06.html>>. Acesso em 20 de maio de 2018

GIDDENS, Anthony. **O Mundo na Era da Globalização**. Lisboa: Presença, 2000. pp.32

Problema Social e Problema Sociológico. Disponível em:

<<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/problema-social-problema-sociologico.htm>> Acesso em 01 maio 2018.

CHEGA – Gabriel o pensador - 2015

Chega! Que mundo é esse, eu me pergunto
Chega! Quero sorrir, mudar de assunto
Falar de coisa boa mas na minha alma ecoa
Agora um grito eu acredito que você vai gritar junto
(x2)

A gente é saco de pancada há muito tempo e aceita
Porrada da esquerda, porrada da direita
É tudo flagrante, novas e velhas notícias
Mentiras verdadeiras, verdades fictícias
Polícia prende o bandido, bandido volta pra pista
Bandido mata o polícia, polícia mata o surfista
O sangue foi do Ricardo, podia ser do Medina
Podia ser do seu filho jogando bola na esquina
Morreu mais uma menina, que falta de sorte
Não traficava cocaína e recebeu pena de morte
Mais uma bala perdida, paciência
Pra ela ninguém fez nenhum pedido de clemência

Chega! Que mundo é esse, eu me pergunto
Chega! Quero sorrir, mudar de assunto
Falar de coisa boa mas na minha alma ecoa
Agora um grito eu acredito que você vai gritar junto
Chega! Vida de gado, resignado
Chega! vida de escravo de condenado
A corda no pescoço do patrão e do empregado
Quem trabalha honestamente tá sempre sendo
roubado

Chega! Água que falta, mágoa que sobra
Chega! Bando de rato, ninho de cobra
Chega! Obras de milhões de reais
E milhões de pacientes sem lugar nos hospitais
Chega! Falta comida, sobra pimenta
Chega! Repressão que não me representa
Chega! Porrada pra quem ama esse país
E bilhões desviados debaixo do meu nariz
Chega! Contas, taxas, impostos, cobranças
Chega! Tudo aumenta menos a esperança
Multas e pedágios para o cidadão normal
E perdão pra empresas que cometem crime
ambiental

Chega! Um para o crack, dois para a cachaça
Chega! Pânico, morte, dor e desgraça
Chega! Lei do mais forte, lei da mordada
Desce até o chão na alienação da massa

Eu pago o subsídio absurdo dos deputados
A esmola dos professores, a escola sucateada

O pão de cada merenda, eu pago o chão da estrada
A compra de cada poste eu pago a urna eletrônica
E cada árvore morta na nossa selva amazônica
Eu pago a conta do Sus e cada medicamento
A maca que leva os mortos na falta de atendimento
Paguei ontem, pago hoje e amanhã vou pagar
Me respeita! Eu sou o dono desse lugar!

Eu vou, levanta o copo e vamos beber!
Um brinde aos idiotas incluindo eu e você
Democracia, que democracia é essa?
O seu direito acaba onde começa o meu, mas onde o
meu começa?

Os ratos fazem a ratoeira e a gente cai
Cada centavo dos bilhões é da carteira aqui que sai
E a gente paga juros paga entrada e prestação
Paga a conta pela falta de saúde e educação
Paga caro pela água, pelo gás, pela luz
Pela paz, pelo crime, por Alá, por Jesus
Paga imposto paga taxa, aumento do transporte
Paga a crise na Europa e na América do norte
Os assassinos da Febem, o trabalho infantil na China
E as empresas e os partidos envolvidos em propinas

Chega! Que mundo é esse, eu me pergunto
Chega! Quero sorrir, mudar de assunto
Falar de coisa boa mas na minha alma ecoa
Agora um grito eu acredito que você vai gritar junto
Chega! Vida de gado, resignado
Chega! vida de escravo de condenado
A corda no pescoço do patrão e do empregado
Quem trabalha honestamente tá sempre sendo
roubado

Presidente, deputados, senadores, prefeitos
Governadores, secretários, vereadores, juizes
Procuradores, promotores, delegados, inspetores
Diretores, um recado pras senhoras e os senhores
Eu pago por tudo isso, imposto sobre o serviço
A taxa sobre o produto, eu pago no meu tributo
Pago pra andar na rua, pago pra entrar em casa
Pago pra não entrar no Spc e no Serasa
Pago estacionamento, taxa de licenciamento
Taxa de funcionamento liberação e alvará
Passagem, bagagem, pesagem, postagem
Imposto sobre importação e exportação, Iptu, Ipva
O Ir, o Fgts, o Inss, o Iof, o Ipi, o Pis, o Cofins e o
Pasep

A construção do estádio, o operário e o cimento
Eu pago o caveirão, a gasolina e o armamento
A comida do presídio, o colchão incendiado

Chega!